

REDACÇÃO PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardozo
 Propriedade da União Operária Nacional
 Officina de Impressão — R. da Amália, 104
 (Formulário da Lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Cambre, 44-A, 2.
 End. tel.: Tullaba — Lisboa e Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DE MANHÃ — FOLHA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Tolerância

Vê cada um os acontecimentos conforme as suas ideias e o seu modo de ser e de sentir. De aí resultam correntes desencontradas e até contrárias, mas correntes de pensamento, diversidade de opiniões, tendo todas elas o mesmo fim — melhorar a sociedade.

A fé, o entusiasmo com que muita gente defende as suas opiniões, leva-a a considerar-se de posse da verdade absoluta e a não reconhecer a ninguém o direito de discordar. Sobrevém, o esquecimento dos propósitos que determinaram a escolha dessa verdade, turbamções de pensamento, o esmagar de toda a sensibilidade emotiva e uma cegueira tal que conduz essa pobre gente às maiores violências, às mais repugnantes deshumanidades. Desprezam-se, odeiam-se, perseguem-se todos os que pensam diversamente e chega-se ao extremo de lhes não permitir que, dentro de sua própria casa, manifestem as suas mágoas, as suas alegrias, as suas esperanças, os seus receios, as suas opiniões. É a intolerância em acção, a negação completa da liberdade alheia, o abuso da força, o restabelecimento dos processos terroristas da inquisição.

Um desvairamento assim, fazendo com que a liberdade própria só seja possível à custa do sacrifício da liberdade alheia, degrada um país inteiro e perverte os mais fortes caracteres. Suprimem-se a dignidade humana, desprezam-se todas as manifestações de inteligência e assim se divide um povo bondoso em rédeas de repelentes canibais.

A ninguém pode ser negada a liberdade de pensamento e o direito de manifestar esse pensamento em toda a parte e por todas as formas. Discordamos das opiniões alheias, achamos ridículos, estúpidos e até prejudiciais os que não pensam como nós, mas não nos esqueçamos nunca de que esses que assim consideramos também assim nos consideram a nós. Odiá-los seria parvoíce porque o ódio não substitui os argumentos, antes impede que eles apareçam, e o que se torna necessário, desde que as opiniões divergem, é a discussão, a apresentação serena e honesta das convicções de cada um. E se por essa forma não chegarmos a um acordo é porque as nossas convicções, embora contrárias, são igualmente firmes e a nossa inteligência insuficiente para a determinação exacta da verdade.

Usar então da violência ou de quaisquer meios menos legais seria reconhecer aos outros o direito de proceder de forma idêntica e admitir que a razão estava do lado do mais forte. De seres superiores que nos julgavam os passariamos a ser uns brutos despidos de raciocínio e de sentimento, nada mais.

Arvorar a intolerância em sistema político é colocar-se fora da civilização, porque não há selvajaria que iguale a negação completa da liberdade de pensamento. Custou muito sangue, durou muitos séculos a conquista dessa liberdade, e não era agora que se havia de ver no mundo um povo insensato que se não envergonhasse de ser o tirano de si próprio. Gente educada, gente civilizada, só o pode ser quem colocar acima de tudo a sua personalidade moral e intelectual, respeitando-se no respeito que tiver pelos direitos alheios.

Não admitamos que nos neguem o direito de pensarmos livremente e de livremente manifestarmos as nossas opiniões, mas demos também aos outros a liberdade de que não queremos abdicar.

Homens que não nascemos pela mesma forma, igualmente fracos e ignorantes; filhos da mesma

UMA CONSULTA DE «A BATALHA» Como melhorar as condições de vida?

O sr. Ezequiel de Campos expõe as suas ideias sobre a exploração da lavoura em parceria

Lembram-se talvez os nossos leitores de que a segunda medida proposta pelo sr. Ezequiel de Campos como devendo melhorar as condições de vida dizia respeito à obrigação, por um imposto conveniente, de os proprietários de mais de uma casa ou assento de lavoura de valor relativamente grande arrendarem, por parceria não exclusivamente pecuária, todos os seus prédios menos os que constituem a casa ou assento de lavoura que eles exploram por sua conta ou administração directa, acrescentando-se a isto favores do Estado para a rápida e conveniente utilização das terras arrendadas, de modo a reduzir-se muito o período dos pousos largos do Sul. Mais uma vez esperamos da amabilidade do sr. Ezequiel de Campos que nos pormenorizasse esta ideia.

Os estímulos que a governança tem dado à lavoura, e todos os outros que der, não modificarão a pobreza nacional de produtos do solo sem previamente se obter outro arranjo agrário, que leve o trabalhador agrícola a ter interesse no cultivo.

Pois nesse caso pormenorizemos, diz-nos o illustre economista. Começemos por não esquecer que a situação evidente da produção da terra perante as necessidades da Grel é uma miséria grande de substâncias alimentícias: o mais ligeiro ou mais profundo exame das condições económicas do país mostra que Portugal devia ter encontrado na valorização dos seus produtos agrícolas a sua melhor fonte de riqueza e prosperidade; pois é justamente onde tem a maior pobreza e o maior motivo de decadência.

Os estímulos que a governança tem proporcionado à lavoura (forçoso é confessá-lo com verdade) não deram resultados seguros apreciáveis; as necessidades prementes de substâncias alimentícias não levaram à suficiência na produção, nem mesmo com os preços elevados superficialmente pela pautas, ou ultimamente pela guerra. Apesar das tabelas elevadíssimas dos cereais, não aumenta a sua produção de modo a podermos considerar provável o abastecimento como em 1911; e em paralelo, ainda que estorvâsemos de vez a exportação, não teríamos tido cedido a suficiência franca de carne de vaca a preços toleráveis. Faltos de milho no Norte, e com a boleta como alimento quasi exclusivo da engorda dos suínos no Sul (e não há que arredar disto), não teremos carne de porco barata. É um facto que, a bem dizer, não temos olivais novos no país — umas plantações de oliveiras que deem na vista, e que em pouco tempo possam suprir gorduras que os suínos e a manteiga de vaca não dão.

Os agricultores não entraram na lavoura dos campos; os arranjos das casas agrícolas que permitissem melhor produtividade do solo e muito maior e mais barata produção com outros sistemas e processos de cultura, não se generalizaram: só a mesma prática de arroteio; só o mesmo trabalho agrícola as lufadas; só o alargamento da cultura da vinha e da pecuária manada, em detrimento do trigo e da policultura.

É insatisfatório que a protecção cerealífera, só, não bastou para estimular a lavoura; e que, à medida que esta vai estacionando (se não retrocedendo) na área das sementeiras, e colhendo, com o mesmo ou pior azar, colheitas de pequenas fundas, piora de ano para ano o entendimento entre os trabalhadores rurais e a lavoura.

A situação da nossa economia agrícola está, pois, indiscutivelmente, neste aspecto: impossibilidade de mudar de rumo da miséria sem mudar do arranjo agrário — mudar do sistema agrícola, melhorando a organização das casas de lavoura, melhorando os processos de cultivo, melhorando as relações dos donos das terras com os trabalhadores agrícolas.

Este último ponto interessa o mais directamente possível aos trabalhadores rurais do Sul, onde só os pastores têm garantia de trabalho permanente. Ocupem-me a *Revolução e a Revolução agrária* em registar sucintamente que os vários factores chamados como suficientes para proteger a lavoura de modo que ela, melhorando de lucros, nos abastecesse dos alimentos e matérias primas fundamentais, seriam improfeitos sem um outro arranjo agrário: a

tabela alta dos cereais faliu, porque a defeituosa organização das casas de lavoura levou ao empobrecimento da fertilidade da terra, e orientou para a pecuária manada (de mínima gente a atuar e de lucros certos) os grandes arroteamentos à sombra da lei de 1899; a viação em larga escala não teria efeito notável, como não teve a que já está realizada; não é a falta de capital, ou de recursos para o obter, que não deixa empregar a maquinaria de grande rendimento, ou fazer a rega dos campos; como não é o imposto pesado que estorva o melhoramento agrícola; nem a instrução agrícola, tal qual tem sido nas nossas escolas, daria grande bem porque as casas de lavoura da maior parte dos agrónomos do Alentejo não primam pelos progressos, em exemplos revolucionários à lavoura dos não doutorados.

A lavoura do Sul não precisa de mudar nem de rotina nem de organização social para resistir à crise económica. A carne estrangeira não pode invadir o nosso mercado como o trigo americano; a pecuária manada garantirá o desfogão da lavoura de terra herdada.

A lavoura do Sul, com a sua terra, que entregue quasi só à natureza dá lucros notáveis com um mínimo de gente a atuar e com um mínimo de saber, não sente necessidade de mudar de rotina; está ali um motivo predominante da nossa pobreza de produtos da terra e do nosso desarranjo agrário. No ponto a que chegou este, não parece provável que, mantendo-se o regime quasi exclusivo de assalariados para a cultura das vastas herdades, se possa melhorar a produção no preço dos generos e na quantidade, de modo a proporcionar o embarqueamento da vida da Grel. Tais são as razões por que parecem de vantagem nacional as medidas governativas seguintes:

1. A todos os prédios rústicos que são agricultados, no todo ou só em parte, embora tal suceda apenas depois de pousos longos, e embora estejam melhor ou pior cobertos de arvoredo, que na matriz predial tenham um valor superior a 80 contos (o exame cuidados das matrizes definirá melhor este limite) é aplicado em 1920 mais um quarto de taxa normal respectiva de contribuição predial rústica; em 1921 mais metade; em 1922 mais três quartos partes; e em 1923 e nos anos seguintes o dobro da taxa normal respectiva.

2. Exceptuam-se os prédios que, à data da cobrança da contribuição predial rústica estejam arrendados, em parceria de exploração não exclusivamente pecuária, por contrato legalizado no inferior a seis anos, enquanto durar tal parceria ou sua renovação: estes prédios em parceria pagarão a taxa normal respectiva sem acréscimo; mas quando na matriz predial estejam por valor maior que 80 contos, pagarão a taxa normal respectiva mais um quarto; e se estiverem por mais de 60 contos pagarão a taxa normal respectiva mais metade dela, sendo estes adicionais encargos dos rendeiros, e como tais a mencionarmos nos contratos de parceria.

3. Exceptuam-se também os prédios que constituem casas (ou assentos) de lavoura quando cultivados por conta e administração directa do proprietário, não sendo excluídos de sobretaxa por este motivo senão os duma casa (ou assento) de lavoura por cada proprietário, a não ser que sejam contiguas e não haja solução de continuidade entre elas.

4. Nenhum rendeiro pode tomar de parceria no mesmo distrito mais de um prédio agrícola de valor inscrito na matriz igual ou maior que 80 contos. Exceptuam-se as parcerias com o fim de colonização ou de segundos contratos de parceria não exclusivamente pecuária.

5. O governo pode mandar cobrar, mediante aviso pela secretaria de finanças, com antecedência de 15 dias à época normal das colheitas regionais, toda ou parte da contribuição predial dos prédios em parceria, em generos das culturas desses prédios, mencionados nos contratos de parceria, pelo preço da tabelal legal respectiva. Igual facilidade cabe às câmaras municipais para os seus impostos.

6. São-se por findas as isenções de contribuição predial rústica consignadas

Virgílio Santos

em todas as leis: os prédios respectivos ficam desde já sujeitos ao critério geral das sobretaxas, bem como todos aqueles não aráveis que venham a ser inscritos na matriz, qualquer que seja o seu valor de inscrição.

II. A todos os prédios rústicos não aráveis, nem mesmo depois de pousos longos, que na matriz predial tenham um valor igual ou superior a três contos, é aplicado em 1920 mais um quinto da taxa normal respectiva de contribuição predial rústica; em 1921 mais dois quintos; em 1922 mais três quintos; em 1923 mais quatro quintos, e em 1924 e nos anos seguintes o dobro da taxa normal respectiva.

3. Exceptuam-se da sobretaxa os prédios rústicos que estejam a ser sementeiras ou plantados de arvoredo e ao mesmo tempo a ser resguardados dos prejuizos do gado. Mas se os prédios em sementeira ou plantação de arvoredo, de valor individual na matriz igual ou superior a dois contos, não apresentarem em 1923 pelo menos a quarta parte da sua área aproveitável já utilizada pelas arvores, pagarão nesse ano uma sobretaxa de 50 % à normal respectiva. E se em 1926 não estiver utilizado regularmente pelas arvores em cerca de duas terças partes da área arborizável, pagarão nesse ano o dobro da taxa; e será então aberto concurso público da sua arborização, tendo o proprietário metade da renda arrematada, e a outra metade o Estado, e ficando a pagar contribuição predial rústica pela taxa normal.

4. Os prédios daquela natureza que não estiverem na matriz, ao entrarem, pagarão a taxa correspondente a 20 centavos por hectare, avaliada a sua área por apreciação à vista, ou por comparação com predio semelhante de área melhor conhecida; e daí para o futuro ficam sujeitos ao critério desta lei.

5. Como vêem, a lei seria duma aplicação simples: só se aplicaria a prédios de relativamente elevado valor na matriz, para não complicar o trabalho burocrático, e porque são esses prédios grandes os que, pelo seu rudimentar aproveitamento, mais peiam a produção agrícola e florestal. Os limites inferiores poderão ser mais elevados, se pela existência de prédios em demasia além daqueles limites, for aconselhável alterá-los.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Dois atentados

Vilain — que assim se chama o assassino de Jaurès e bem adequado é o nome — começa agora a ser julgado. Jaurès foi morto, lembram-se os leitores, nas vésperas da guerra, em 31 de Julho de 1914, e foi morto precisamente na conjuntura em que a sua acção mais necessária era. E é agora que a justiça vai pedir ao assassino de Jaurès contas pelo seu acto. Estão os debates encaminhados de forma a reputar atenuadas as culpas de Vilain, que a defesa considera meio-irresponsável. E aos irresponsáveis é de uso reduzir-se ou anular-se a penalidade Vilain corrobora a defeza nos julgamentos declarando não ter consciência do acto que praticou, como se na imprensa francesa. Há pouco foi também julgado nos tribunais da França o autor do atentado a Clémenceau, Cottain se chama ele. Condenado a morte, breve foi o espaço de tempo decorrido entre o atentado e a condenação. Cottain reivindicou as responsabilidades integrais do seu gesto; declarou-se em plena posse das suas faculdades; justificou o seu acto e recusou-se a aceitar a comutação da pena para prisão perpétua. Vilain, Cottain — dois criminosos, como se diz —. Quão grande a diferença entre um e outro crime, quão desigual o critério legal a um e outro criminoso aplicado!

Escola nova com gente velha?

Um jornal da manhã achava uma injustiça que, para a Nova Escola Nacional Primária de Bemfica, não tivessem sido nomeados os professores da velha Escola Normal do Calvário.

Tratando-se de uma escola nova, criada agora, não percebemos que direitos se arrogam os professores da outra escola de pertencerem a esta, quando é certo que essa outra continua existindo, independente e independente da de Bemfica.

A razão porque o corpo docente da escola do Calvário não foi para a de Bemfica devia ter sido esta: pretendem-se fazer uma escola nova e para isso procurou-se gente nova, isto é, pessoal docente com conhecimentos da pedagogia moderna. E como os professores da escola normal velha são velhos, velhíssimos de espírito, não deveriam nem poderiam ser professores de uma escola moderna. Ora ali está!

Assim, põe-se o interesse da Escola, da geração futura, da instrução, do país, da humanidade acima dos interesses de meia dúzia de pessoas que constituem o corpo docente da escola do Calvário.

Ora cebo!

NO COLISEU DE LISBOA

A Testa de amanhã da Federação da Construção Civil

Promovido pela Federação da Construção Civil, realiza-se hoje, no Coliseu de Lisboa, um festival de carácter operário. Foi ele organizado a fim desse organismo fazer face aos encargos contraídos pelos melhoramentos introduzidos na sede, assim como para a instalação de alguns cursos de carácter profissional.

O acto é abrilhantado com uma conferência do dr. sr. Carneiro de Moura, sendo de esperar que seja uma bela noite de confraternização entre o operariado de Lisboa.

A fim de tomar parte na grandiosa festa, parte da população da Amadora, chegando à estação do Rocio pelas 20 horas, a banda de música daquela localidade, que marchará até ao Coliseu de Lisboa tocando a *Internacional*. A todos os camaradas que ainda não tem bilhetes aconselhamos a que cumpram o seu dever na medida das suas posses, a fim de que a Federação possa, num futuro mais ou menos próximo, ver o resultado deste sacrifício material.

Um acidente marítimo

PARIS, 24-A «Levallois-Perret», uma barca de passageiros que servia para transportar aos operários de uma fábrica, foi partida ao meio por um rebocador; há 30 pessoas desaparecidas, umas 10 vítimas levadas para o hospital e tres cadáveres já foram tirados da água.—H.

A Sociedade das Nações

A reacção financeira

PARIS, 25-A sub-comissão financeira, sob a presidência do sr. Klotz, declarou, por unanimidade, que a Liga das Nações devia ter uma secção que examinasse quarta feira as atribuições da Secção Financeira.—H.

Vida cara e difícil

SUBSISTENCIAS

Do camarada António de Oliveira recebemos uma carta, que diz, em resumo, e seguinte: Sempre pensei que, terminada a maldita guerra, e cuido da vida barateasse um tanto. Pelo contrário, tem-se agravado. Sou uma vítima do Capital e, portanto, sou encarnação inimiga. Não posso admitir que, trabalhando, não consiga ganhar o suficiente para eu e minha família vivermos nesta sociedade madrastra. Dia para dia, hora para hora, vemos aumentar, escandalosamente, o preço de tudo o que é útil à vida. Mal andam os governantes em não dedicarem a sua atenção a este magno assunto. Quando a República se vê ameaçada, eles recorrem não aos poderosos, não aos comodistas, mas a nós, operários, que passamos a vida a mourear. Não querem os mandantes tratar da miséria da questão económica? Tanto pior para eles será...

O PAO

Escreve-nos o camarada Joaquim Pereira, dos Olivais, dizendo, em síntese, o seguinte: o povo dos Olivais levanta-se às 5 horas da manhã para estar à porta das padarias, em bicha, até às 9 ou 10, vendo dali sair, constantemente, sacadas de pão para os acambradores do género, o qual é vendido por esses indivíduos a 23 centavos o quilo. Na padaria da Companhia, na estrada de Moscavide, há três padarias independentes que, quando o pão começou a vender-se a 20 centavos o quilo, só durante um dia o forneceram pelo preço legal. Provado está que as leis reguladoras outro préstimo não tem que o de iludir papalvos.

AZEITE

Sr. redactor de «A Batalha». — Consta-nos que os exportadores para o Brasil instam junto do ministro das subsistências no sentido de que seja aberta a exportação de azeites para aquele país.

Esta medida, a realizar-se, representa uma verdadeira monstruosidade, porque mais vem afectar a já enormíssima crise das subsistências. Senão vejamos: Está perfeitamente demonstrado que a colheita deste ano foi reduzida e tanto assim é que o lavrador que ainda há quinze dias podia obter 500, pode actualmente obter 275 e 280 por cada litro! Dada a liberdade de exportação para o Brasil, quanto não pedirão? E a que preço se poderá vender ao consumo? Mas há mais.

O governo, a título de haver pouco azeite, impõe aos exportadores de África o pagamento de \$20 por cada quilo, de sobretaxa, naturalmente para evitar a saída do continente. Então para se mandar para a África há falta e para o Brasil não há? Como se poderá abrir livremente a exportação para o Brasil, quando para a nossa África se paga sobretaxa? Porventura o Brasil merece mais carinho do que a nossa África?

Como se vê, sr. redactor, trata-se dum caso grave para a alimentação pública e mesmo de moralidade, para o que se torna necessário que v. por intermédio do seu conceituado jornal, chame a aten-

A CRISE MINISTERIAL

O coronel sr. Sá Cardoso, convidado pelo chefe de Estado para organizar gabinete, aceitou o encargo tendo imediatamente encetado os trabalhos para esse fim. Avistou-se com vários políticos dos diversos partidos e esteve com o presidente do ministério-demissionário, com quem se demorou conferenciando. Depois procurou o ministro da instrução a quem pediu para continuar sobraçando a pasta, parecendo que o dr. sr. Domingos Pereira, aceitou o convite. Diz-se que o sr. Augusto Dias da Silva também continuará na pasta do trabalho, havendo todas as indicações de que o ministério ficará hoje constituído.

Gabinete da imprensa

Também é oriundo no ministério do interior

O director geral da Imprensa Nacional esteve ontem conferenciando com o presidente do ministério sobre vários assuntos respeitantes a aquele estabelecimento. Aproveitando a ocasião o sr. Luís Derouet solicitou ao sr. José Relvas que fosse restituído aos repórteres da Arcada o seu antigo gabinete no ministério do interior, que há dois anos lhes foi tirado. Imediatamente o chefe do governo encarregou o seu secretário, sr. Pereira Pinto, de se entender sobre o assunto com o director geral de Assistência, visto aquele gabinete estar servindo de depósito de papeis de uma das repartições da referida direcção geral.

O dr. sr. Augusto Barreto respondeu que não podia dispensar o gabinete, mas que o presidente do ministério fizesse o que entendesse. Em face de tal resposta, o próprio sr. José Relvas safou do seu gabinete para escolher uma sala destinada à imprensa optando pela que fica contigua à do conselho de ministros, ordenando ao seu secretário sr. Pereira Pinto que mandasse proceder à instalação do gabinete, o que, com efeito se iniciou.

ção do ministro para por todos os meios se obter a efectivação de tal medida e que em contrário se procure pelos melhores meios tornar em Portugal o azeite mais barato porque é um género de primeira necessidade e assim se evita- rão os assaltos aos armazéns, que fatalmente se produzirão, ou então se tal tropelia se fizer, ao menos retirem a sobretaxa imposta ao azeite destinado à África, porque... pretão também é gente. Confiado no patrocínio de v., agradeço a atenção que se dignar dispensar-me e pedindo desculpa me confesso com muita consideração, etc., José Chaves.

AS BATATAS

Escreve-nos o camarada José A. Carmo, carpinteiro, dizendo: «Tendo lido na *Batalha* uns lamentos sobre este suculento tubérculo que tanta falta faz para acompanhar o *fel amigo*, posso prestar-lhes uns esclarecimentos sobre a forma de o adquirir pela insignificância de \$24 ou \$26 centavos o quilo.»

E conta então existir na rua da Triste Feia, Alcântara, um indivíduo que possui um pequeno escritório, atraindo ali os incautos, a quem diz que, tendo adquirido em Portalegre uma porção de batatas por intermédio dum conhecido, conseguiu transportá-las para Lisboa com guias de trânsito subscritas por nomes arranjados *ad hoc*. Recusa-se de princípio a vendê-las, fazendo-se rogado, alegando as mil e uma dificuldades que teve para adquiri-las, declarando, por fim, que as batatas, postas na estação, lhe saem a 23 centavos o quilo. Quem as quiser comprar tem de pagá-las, portanto, a 24 ou 26 centavos, com a obrigação suplementar de ir levanta-las à estação de caminho de ferro e pagar o frete.

O camarada José A. Carmo protesta contra tal exploração, dizendo estar à nossa disposição para apresentar as provas do que afirma.

O PEIXE

Demolindo, de Alhos Vedros, diz-nos, em resumo, o seguinte: As apreciações de Martins Vagueiro sobre os acambradores de peixe, que tão criminosamente contribuem para o encarecimento da vida, satisfizeram-me. A exploração está já tão arraigada no espírito dos que negociam que até as próprias ovinas tiram partido da roubalheira que campela infrene. Por aqui também somos vítimas da malignância piscatória. A esta localidade vem quasi diariamente um negociante de peixe, que traz directamente do mercado de Cezimbra dois a três costais de vária qualidade de peixe para o consumo da população, que vende a preços mais moderados do que qualquer outro negociante. Pois, para obter a esta concorrência, um tal sr. José, comerciante de peixe aqui residente, manda comprar a maior quantidade possível desse peixe daquele seu colega, vendendo-o depois pelo preço que lhe dá na gana. Agora na comissão administrativa do município está representada a classe operária pelo camarada Alfredo José Guilherme, de Alhos Vedros, é de esperar que ati-

NICOLAU II

Está morto? Está vivo?

De quando em quando, aos lermos es periódicos, somos sobressaltados com grossos normandos, ora noticiando a morte barbara de Nicolau II, czar de todas as Russias, ora dizendo-nos continuar vivo, ainda que detido pelos bolchevistas. Mas nunca se esquecem de frisar as *crueidades* dos bolchevistas, justificando o tirano ou conservando-o preso, olvidando, porém, o dia trágico em que, junto a Tsarkoiso, os cossacos, os ordens do *palatinho*—designação dada pelo povo russo aos seus imperadores—massacraram muitos milhares de proletários de Petrogrado que reclamavam pão e trabalho.

Um dos mais circunstanciados relatos da morte do czar, apareceu no *Figaro*, de Paris, de 29 de Janeiro. É uma descrição trágica, horrível, parecendo que Ponsou do Terrail ergueu a lousa da sua tumba no Père Lachaise, interrompendo por momentos o sono eterno para estarrecer as gentes com um novo episódio do *Bocambola*.

Eis como nas colunas desse jornal parisiense, o professor Dille, da Universidade de Tunes, descreve os últimos momentos da família imperial:

«Os assassinos surpreenderam o Czar e a Czarina quando estes se encontravam rezando. Despertados pelo ruído das grossas botas e das coronhas das espingardas, tinham compreendido a sua situação e preparavam-se para morrer. Mademoiselle de Buxoeveden debatia-se numa crise nervosa. O Czarévitch soluçava, de joelhos, a um canto do quarto, unidos uns aos outros, um grupo de criaturas banhadas em lágrimas: as quatro grand-duquesas.

O imperador não se dignou interromper a oração.

Yorovski teve um riso demoníaco e exclamou: «Tanto melhor, estais preparados».

—Sim, respondeu o Czar com uma voz que nenhuma comoção fazia tremer. —Mas é que não é só tu que nós precisamos, rugiu Yorovski; é toda a tua reia de... (e acrescentou uma palavra que a decência proíbe que se reproduza). Vamos, deixemo-nos de imposturas: fora a cave!... Com o seu filho desmaiado nos braços, o imperador dirigiu-se a uma porta, para a porta. Seguiu-o a imperatriz, fazendo sem descanço o sinal da cruz. As grand-duquesas e Mademoiselle Buxoeveden, incapazes de andar, eram arrastadas brutalmente, num concerto infame de insultos.

Lembra um daqueles dramalhões de fada e alquid, que em tempos que longe vão se representavam no velho D. Maria, em que, de trinta personagens que a peça metia, morriam, pelo menos, trinta e dois...

E a impressão de todo o mundo, possuída de um histerismo que sempre a acomete quando a desgraça ajeita em torno dos poderosos, chorou lágrimas de crocodilo por Nicolau II, ex-czar de todas as Russias, não se lembrando das dezenas de milhares de homens que mandou deportar para a Sibéria ou liquidar na força o tremendo crime de professorar princípios liberais que não admitiam o regime de chicote a que estava submetido o povo moscovita.

Novo despacho de Londres, datado de 19 de Fevereiro, anuncia, porém, que:

«Segundo informações colhidas de fonte segura o ex-czar vive, estando prisioneiro no Kremlin.

Da mesma origem referem que a restante família Romanoff-Holstein-Gottor, incluindo a czarina, se encontra no mosteiro de Traiksergoevsky, a quarenta leguas de Moscou.

E a confirmar o caso, o nosso colega *Diário de Notícias*, estampava ontem o seguinte telegrama:

«ROMA, 15.—Diz o «Giornale de Italia» que o príncipe Obolensky, antigo capitão da guarda do ex-czar, afirma que este e sua esposa estão vivos».

Parece, pois, estar desfeita a lenda da morte do czar, e o tempo virá em que as *crueidades* que os revolucionários russos infligiam ao antigo potentado, tenham completo desmentido.

E depois disto ainda a opinião pública acreditará nos despachos telegráficos tendenciosos e falsos que agências telegráficas subvencionadas pelos governos burgueses, mandam para a imprensa, procurando denegrir e desonrar a Revolução Social Russa?

Teatro Nacional

HOJE — Récita extraordinária e única com a popularíssima peça

AMOR DE PERDIÇÃO

Segunda feira, definitivamente, primeira e última de assinatura, com a peça AS BODAS DE PRATA, desempenham os principais papéis Adelina Branches, Inácio Peixoto, Amélia Pereira, que se estreia neste teatro, e Albertina de Oliveira.

Furto de uma rabeca

A direcção do Sporting Club na rua do Jardim do Regedor, queixou-se à policia pelo furto duma rabeca no valor de 20 000.

O crime do Gais do Sodré

Sobre o crime no Café do Sodré em que foi vítima o polido Tomás Ramos, quando regressava de Casilhas, informam-nos do governo civil que o agente Felisberto de Oliveira terminou as suas investigações, tendo apurado que o autor do crime foi o conhecido Manuel Rodrigues. O Manuel Galego, filho do Bonito Ribas e de Antónia Rodrigues, de 19 anos, e residente na rua da Galé, interrogado pelo referido agente negou o crime e acobardou com António Joaquim da Silva «O Tonico», e António Gavado da Silva «O Zichachas» e com várias testemunhas continuou na negativa e as testemunhas, o «Tonico» e o «Zichachas», afirmaram ter visto o crime.

Apurou-se também que vários dos últimos ladrões tinham com o caso, pelo que foram restituídos a liberdade.

A BATALHA

NO PORTO

Uma conferência de Cunha Leal

PORTO, 23.—No teatro Carlos Alberto, realizou-se, ontem, a anunciada conferência do capitão sr. Cunha Leal, escolhendo para tema: «O perigo bolchevista e o conservantismo». Como é natural, isto provocou um certo interesse entre as classes operárias e burguesas, que se fizeram representar com uma regular concorrência.

Assumida a presidência pelo coronel sr. Djalme de Azevedo, o sr. Sousa Dias apresentou o conferente, tecendo-lhe um rendilhado de frases encomiásticas. O sr. Leal, aludindo a uma frase do seu apresentante, principia por dizer que se não entrou no 5 de Dezembro porque estava em França, de contrário entraria nele porque naquele momento era indispensável combater uma *coterie* política, nefasta e dissoluta; que colocara o país à borda de um abismo—para que surgisse uma república mais santa, mais livre, mais humana. Entrará em todas as revoluções que tenham por fim alcançar este nobre ideal. Depois referiu-se à enorme onda que vem dos lados do Oriente, galgando a avassaladora sobre a Europa, sobre nós, ameaçando subverter tudo. O perigo bolchevista, diz o orador, também existe entre nós, devido principalmente à incompetência dos governos, aos péssimos dirigentes deste país onde não há imbecil que não tenha sido ministro, que em vez de proscreverem atentamente as aspirações que se desenvolvem na alma do povo, se entreteem na divisão dos governadores civis porque são fundamentalmente burros.

O perigo também existe no conservantismo, que se quer agarrar demasiadamente ao Passado—os homens são pequenos perante os acontecimentos, e os grandes são galgados por eles. Alude à Grande Revolução Francesa, ao Feudalismo que levantava barreiras coercivas, que impedia o desenvolvimento da riqueza social, da produção útil, onde a tirania era a norma, era a biselada dos poderosos. Aquela Revolução, fazendo cair o feudalismo em França, fez-o cair em toda a Europa: veio o capitalismo, que reconstruiu o Trabalho em bases novas; veio o comércio livre, a troca, o consequente aumento da riqueza social. E que todas as transformações políticas são estóreis se a transformação económica não se lhe seguir. Depois vieram os políticos, as suas manhas, a sua estupidéz e a sua maldade; veio a covardia burguesa, veio a excessiva exploração do comércio e da indústria, o enfraquecimento da produção, devido à burocracia e à pesada patá militarista; veio a ganância, outra vez a miséria, outra vez a fome; nasceu a revolta e o desespero, motivo porque o parasitismo patronal e comercial está fatalmente condenado a desaparecer: passará à História. Mas essa transformação deve-se operar lentamente.

Por isso que quer que uma República radical, liberal, porque entende que sem a liberdade não se pode preparar o futuro que há de rair um dia: sob este ponto de vista—é bolchevista.

Também se refere às teorias de transformação social pelo cataclismo, pelo sistema darwiniano e pelo atenuamento da evolução seguida de cataclismo para voltar novamente a evolução. Toca no socialismo de Sorel e define a palavra bolchevista, que diz significar maximilista, extremista, cujos partidários querem transformar a sociedade dum facto, de um fôlego, dum salto, partindo todos os liames do passado, destruindo tudo, enquanto os minimalistas são mais cautelosos, mais seguros, querendo ir devagar para chegar depressa.

Embora entenda que no bolchevismo há um fundo ideal, diz que não é nem bolchevista nem conservantista demasiado e afirmou ao Passado. A melhor forma de actualmente se fazer conservantismo, de se evitar o bolchevismo, que está representando na Alemanha pelo *capitularismo*, que ameaça contaminar a França, que se presente no país vizinho, que leva a Inglaterra operária a anunciar uma greve geral no caso de uma intervenção na Rússia—reside na concessão das mais urgentes reclamações do povo, desse povo que, se não houver juízo da parte dos políticos dirigentes, nos *carreará a todos, inevitavelmente*. Cá dentro também há manifestações bolchevistas: faça-se uma administração honesta, olhe-se pelo povo, toques-se o Estado também comerciante para desarmar o açambarcador, vá socializando as indústrias, pondo-se de parte os cosinhados, as imoralidades—e assim se caminhará para a frente, evitando-se a transição brusca do bolchevismo, esse incendio, esse caos, essa desordem.

Enfim: dava uma no cravo e outra na ferradura!

Ministério

DOS

Abastecimentos

Direcção Geral dos Abastecimentos

ANÚNCIO

Até ao dia 1 do próximo mês de Abril recebem-se propostas para o fornecimento de 2 camions novos, ou em estado de novo, para carga mínima de 3 toneladas.

Direcção Geral das Subsistências, em 25 de Março de 1919.

O Director Geral,

(a) António Francisco Pereira Coelho

Câmara Municipal de Lisboa

A questão das carnes

Em sessão da Comissão Administrativa do Município de Lisboa, a que presidiu o dr. sr. Alberto Ferreira Vidal, foi pelo vogal dr. veterinário Joaquim Pratas desenvolvida e tratada a importante questão das carnes.

Declarou o dr. sr. Pratas que reconhecia como uma das mais instantes necessidades a regularização do fornecimento de carnes à cidade de Lisboa e que era necessário ter em atenção que todos os esforços feitos no sentido de tal o conseguir não se deviam desprezar, ainda que estes não fossem de um imediato resultado, pois que era impossível prever-se até quando iriam as dificuldades do abastecimento de carnes. Calculando que as medidas que ele, orador, tencionava propor, como eram as de entrada imediata de carnes congeladas e conservadas pelo frio, podiam levar a lavoura, como já acontecera de outras vezes, a apresentar ao governo protestos que nem este nem a Câmara poderiam conscientemente estudar sem que esteja feito o recenseamento dos gados, que desde 1870 se não fazia e reconhecendo que a inexequibilidade da proposta n.º 44, apresentada em sessão de 5 de fevereiro de 1918, pelo dr. sr. Costa Júnior e que poderia ter contribuído bastante para o abastecimento de Lisboa, se devia à falta que apontara, propunha que a Câmara tendo em atenção as considerações que expendera, representasse às entidades competentes, pedindo-lhes que fosse ordenado, o mais rapidamente possível, o recenseamento dos gados.

O orador, em seguida, tratou da absoluta ineficácia que se reconheceu resul-

tar da existência de uma comissão de abastecimentos de carnes à cidade de Lisboa, instituída por decreto de 13 de Dezembro de 1916 e ainda em vigor. Era absolutamente iníquo e contraproducente o regime de rateio a que aquele decreto e os subsequentes que o confirmaram obrigavam os talhos municipais, desvirtuando assim a sua atenção no que diz respeito ao fornecimento da carne à cidade de Lisboa.

Tão importante serviço, diz o orador, devia estar exclusivamente a cargo da Câmara Municipal. Reconhecendo como medida primordial necessário às acções que a Câmara ia intentar no sentido de cumprir o seu dever, fazendo com que Lisboa fosse abastecida de carnes nas melhores condições possíveis, apresentava a proposta seguinte:

«Proponho que se represente a s. ex.º o ministro dos abastecimentos pedindo que sejam revogados os decretos que instituem a comissão abastecedora de carnes, passando exclusivamente para a Câmara Municipal de Lisboa esse serviço».

Ambas as propostas do sr. Joaquim Pratas foram aprovadas por unanimidade.

Pela instrução

Pelo vereador do pelouro de Instrução, sr. Augusto César Magalhães Peixoto, foi apresentada uma proposta para se abrir novo concurso documental, por espaço de 15 dias, para o provimento do lugar de professora da escola «Pinto de Almeida», criada em virtude de um legado feito à Câmara, visto no concurso anteriormente aberto para aquele fim pela Comissão Administrativa transacta não se ter cumprido integralmente com o que fora deliberado pela mesma comissão. O vencimento da professora da referida escola é de 400\$ anuais.

Federação da Construção Civil

Grandioso espectáculo

no COLISEU DE LISBOA

Hoje — Sabado, ás 20 horas — Hoje

A favor da instalação na nossa sede das Escolas de Instrução Primária e aulas de desenho e montagem eléctrica

Magnifico programa social

A abrir o espectáculo o dr. sr. Garneiro de Moura fará uma conferência sobre a Convulsão Social na Rússia.

- 1.ª parte—**Missa nova**, peça em verso, 1 acto, de Bento Faria.
- 2.ª parte—**Variedades**: compreendendo parte sportiva de **Argolas**, por J. Duarte e J. Fonseca.—**Fôrças combinadas**, por C. Moreira e J. Silva.—**Imitações**, pelo aplaudido amador A. Almeida, e a **Canção Social**, por António Lado e Guilherme Simões e o distinto improvisador Manuel Maria, etc., etc.
- 3.ª parte—**O Escravo Branco** (estreia), peça em 1 acto, de Manuel José Soares.

Magnifico concerto pela Sociedade Recreio Artístico da Amadora

Já restam poucos bilhetes à venda ao preço de

Camarotes grandes, 5 entradas	3\$000 réis
Camarotes pequenos, 3 entradas	2\$000 »
Fauteuils	600 »
Cadeiras	400 »
Geral	200 »

O seio a cargo do público — Bilhetes à venda nesta redacção

NO MUNDO OFICIAL

INTERIOR

Foi aprovado em conselho de ministros e submetido ontem à assinatura do chefe do Estado um decreto concedendo aos chefes, abos e guardas da policia civil um vencimento que corresponde ao serviço que aquela corporação é exigido. Os vencimentos menores que são os dos guardas de 2.ª classe, foram fixados em 1\$60.

TRABALHO

O dr. Macedo Pinto parte hoje para o Porto, afim de tomar posse, na próxima segunda-feira, do lugar de guard-mor chefe de estação de saúde de Leixões.

COMÉRCIO

Yai ser publicado um decreto dissolvendo a comissão criada por decreto de 17 de Novembro de 1908, de vintiduzenta da região de vinhos generosos do Douro, e nomeando para substituir os sr. dr. António Fernandes de Carvalho, António Correia Marinho, dr. José Joaquim Fernandes de Almeida, dr. Júlio de Azeiteiro e Zeferino Anibal Esteves da Rocha, como vogais efectivos, e Joaquim António de Sousa, Teodoro Teixeira Pimentel, Acácio Leão, João Alves Barreto e António Castro Correia da Lacerda, como vogais substitutos.

A directoria de camara portugueza de comércio e industria de S. Paulo, enviou ao presidente da Republica um officio alvitrando que seja enviada ao Brasil, quanto antes, uma missão especial, de carácter economico, afim de resolver os principais problemas comerciais, tornando mais amplo o inter-cambio lizo-brasileiro.

JUSTIÇA

O sr. Antonio Joaquim Granjo tomou ontem posse do cargo de inspector do registro civil.

COLÓNIAS

O antigo deputado sr. Prazeres da Costa foi nomeado auditor geral de fazenda de Macau e Timor.

O FALSO EMPREGADO DO MONTEPIO

Foi ontem preso pelo agente Jerónimo Martins, Joaquim Tomás Simões, de 24 anos, empregado no comércio, rua de Santa Cruz, ao Castelo, 17, por suspeita de ser o autor dum roubo de 100\$000, feito há tempos no Montepio Geral a uma senhora que ali foi para depositar aquela quantia.

Apresentando-se o tal como empregado daquelle estabelecimento para praticar o roubo.

MORTE

COMPANHIA DE RESSEGUROS

Sede - Rua Ivens, 56

LISBOA

Telefone 910 C.

OLIMPIA

Desde as 2 da tarde

Matinée e Soirée

O grande éxito lirico-cinematográfico

TOSCA

5 actos de Sardou, com musica de D. José Bonet

A OPERA NO CINEMA

O TIO XAVIER, em 2 actos, por Mamarracho.—CIDADES BELGAS.

Os enormes encargos que este programa vem acarretar à empresa, obrigam-na a aumentar o preço dos bilhetes. Matinées: Placa 400; Balcão 700. Soirées: Placa 500; Balcão 1\$000. Balcão promenoir 700.

Pede-se a fineza de não utilizar dos bilhetes de convite.

Segundo o contracto da empresa o film TOSCA termina a sua exhibição na próxima segunda feira, 31.

3.ª feira, estreia: Os olhos vendados, 3 actos, por René Cresté (Judeu)

TEATROS & CINEMAS

PRIMEIRAS

SUA MAJESTADE, peça em

actos no Teatro Avenida.

Original de Wachel, que a apresentou em Inglaterra com o título de *Quinnys*, sua Magestade foi adaptada para francês por Albert Villemetz e posteriormente traduzida pelo sr. Melo Barreto.

Uma comediinha em três actos, ligeira, duma feitura simples, repassada duma graça fina e delicada, sua Magestade deixa no espirito de quem a vê uma suave recordação.

Não é uma peça de tese, onde se debatam ideias e se revolvam e analisem paixões. É antes uma espirituosa comédia, onde a graça efusiva de luvabranca e punhos de renda.

Não conhecíamos a peça. Mas tão habituados andamos às estopantes sensaborias de comédias que ali apparecem, com pretensões a ter espirito, que ontem — francamente — ao entrarmos no Avenida, trespassava-nos aquela tristeza de quem vai cumprir um doloroso dever... Enganamo-nos, porém. E ainda bem que nos enganamos, porquanto a nossa tarefa se encontra assim singularmente facilitada.

O entrecho simples, banal mesmo, mas bem tratado.

O velho Quinneys, o rei dos antiquários, acumulou, vendendo *bibelos* e preciosidades artisticas, uma considerável fortuna. Sua filha, Susana Quinneys, nascida já no período de grandeza, é educada como filha de príncipes. Criada no convívio daqueles quadros célebres, no meio de tamboretos e contadores antigos, a sua figura magestosa, radiante de beleza e de mocidade, recorda uma época da história que passou e cuja grandeza ainda hoje os homens admiram. Esta rapariga apaixonou-se por um empregado de seu pai com quem vem a casar, vencidas as dificuldades de estilo.

Um tema banal, como vêem, e que tem servido de motivo a mil e uma peças. E todavia, sua Magestade é uma encantadora comédia. A correção da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

Há sobretudo uma scena no segundo acto admirável de evocação. É quando Susana de Quinneys concede uma entrevista ao seu Jim, alta noite, no salão onde seu pai havia reunido tantas preciosidades artisticas. Jim vem, descalço, pé ante pé, e ansiosamente aguarda a sua linda noiva. A última badalada das onze, Susana, entreabre a porta do seu quarto e desce, cabelreira empoadada, o colo aberto ao decote profundo do sumptuoso vestido da condessa Du Barry. Fala ao seu cavalheiro — que a olha encantado, estupefacto — com o ar senhorial e as maneiras do século XVIII. E vai servir-lhe a ceia nos magníficos *Sèvres* da frase e do gesto substituído-se às grosseiras palhaçadas; a frase espirota, duma graça subtil, em vez da chalaça alvar e desbocada dos revisteiros.

INTERNACIONALISMO INTELECTUAL

Inter-câmbio universitário
franco-português

Em breve um grupo de professores franceses iniciará em Portugal uma série de conferências

No ano passado visitou o nosso país o professor sr. Jacques Cavalier, reitor da Universidade de Toulouse, que realizou na Sociedade de Geografia, uma conferência muito interessante de que devem estar lembrados os nossos leitores. Vinha encarregado pelo governo francês de estabelecer entre Portugal e a França uma troca regular de professores universitários dos dois países, assim como de outras individualidades eminentes nas letras, ciências e artes.

E de todos conhecida a importância que se liga nos países civilizados às suas relações intelectuais. Já antes da guerra a França, a Inglaterra, os Estados Unidos da América do Norte, a Alemanha e a própria Espanha, tinham estabelecido um inter-câmbio desta natureza cujas vantagens os respectivos governos altamente apreciavam. Muito sagazmente soube o governo francês reconhecer a necessidade de desenvolver e intensificar as relações intelectuais entre o seu país e os outros povos aliados.

Vimos como há dias se inaugurou em Paris uma cadeira de língua e literatura portuguesa na Sorbonne sob o alto patrocínio daquele governo e da Universidade. Lembremos também que há três anos a Faculdade de Letras de Lisboa criou uma cadeira de estudos brasi-

leiros, iniciativa esta baseada nos mesmos princípios.

Por ocasião da estada do sr. Cavalier em Lisboa, organizou-se um Comité formado pelos professores srs. Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa, Queiroz Veloso, director geral da Instrução Superior, Anselmo Braamcamp Freire, presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Alfredo Ben-saude, director do Instituto Superior Tecnico e Celestino da Costa, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo como correspondentes no Porto o sr. Gomes Teixeira e em Coimbra o sr. Luciano Pereira da Silva, professores das respectivas Universidades.

Dos trabalhos que esse comité realizou de acordo com o sr. Cavalier resultou a vinda a Portugal nesta primavera de seguintes conferentes: Lagrange, professor de oftalmologia em Bordeaux; Maurice Caullery, professor de biologia geral na Sorbonne; Hadamard, professor de matemática no Collège de France; Meillet, professor de gramática comparada no Collège de France; Duhirach, professor de arqueologia clássica na Universidade de Toulouse e James Hyde, distinto publicista americano, que muito tem contribuído para o estreitamento das relações intelectuais entre o seu país e a França.

As primeiras conferências serão as do sr. Lagrange, que se realizarão na primeira semana de Abril, seguindo-se na semana seguinte as do sr. M. Caullery.

E de esperar que o acolhimento feito a estes eminentes representantes da França intelectual seja o que lhes é devido, e que possam levar ao seu país as melhores impressões a nosso respeito.

A intenção do governo francês em manter com regularidade este empreendimento deve encontrar da parte do

nosso governo o propósito de organizar uma verdadeira permuta, enviando também a França, logo que as circunstâncias o permitirem, conferentes portugueses.

ARROMBAMENTOS

O roubo do cofre do ministério dos abastecimentos

O agente Pereira dos Santos, depois de incassantes investigações, em que foi auxiliado pelo agente Macedo, conseguiu deter a mão a três indivíduos acusados de arrombamento, tais como: de cofre do ministério dos abastecimentos, onde existiam 600.000\$000; curvadora da rua do Corpo Santo e da alfaiataria Reis, da rua Augusta 37, 2.º.

De presos são Domingos Enes, 19 anos, filho de Manuel Domingos Enes e de Maria Luísa, serraleiro, morador na rua da Aclamação, 12; Artur Henriques, 20 anos, serraleiro, filho de Luís Henriques e de Josefa Cândida Henriques, morador na rua do Castelo, 144; e Odorico do Amaral Lopes, 22 anos, serraleiro, filho de Domingos de Almeida Lopes e de Maria do Amaral, rua da Oliveira, 20, loja, e ultimamente estava empregado no ministério dos abastecimentos como servente.

Odorico confessou que há meses, mas que não se lembra quantos, combinou com os outros dois, seus amigos, para fazer o roubo ao cofre do ministério dos abastecimentos, onde sabia que existia muito dinheiro.

Combinado o roubo, os dois serraleiros tocarem da oficina várias brocas com o respectivo arco, que lhe sequestrou na sua gaveta da repartição.

Na noite de 6 para 7 de setembro, às 23 horas, reuniram-se os três na rua das Gáveas, esquina da travessa da Quelma e introduziram-se na repartição e sequestraram os seus armamentos. Depois do pessoal todo sair, ele, Odorico, foi buscar a chave que estava na gaveta do porteiro, e dirigiram-se os três para junto do cofre. Ali, Odorico conseguiu abrir o segredo e os dois serraleiros fizeram os furos, trabalho que durou até às 5 da manhã.

Como vissem que não conseguiram abrir o cofre, abandonaram a presa, deixando escrito o seguinte: «A vingança há de ser terrível».

Esta frase foi escrita a tinta encarnada e por cima o Odorico desenhou uma caveira sobre duas espadas.

Os três foram presos e a declaração do Odorico com respeito à tentativa de arrombamento do cofre e declarou que dias depois o Odorico e con-

vidos para fazer um furto com arrombamento em casa da vizinha da casa do Borda.

Acerto o convite de os dois amigos e Odorico, dirigiram-se à rua do Corpo Santo e tentaram por meio de arrombamento do soalho do 1.º andar para a loja de ourives, mas sendo percebidos, fugiram, sendo ele preso e estando apanhado no tribunal da casa da vizinha da casa do Borda.

O Artur Henriques confirmou as declarações dos dois outros presos, confessando a parte que tomaram nestes dois assaltos.

Os três gatautos assaltaram depois a alfaiataria Reis, da rua Augusta, onde furtaram fatos completos, furtos e por favor, e vários cortes de fazendas que lhes foram apanhados.

Odorico, como noticiamos, quando foi preso, foi-lhe apreendida uma espingarda Mauser-Verducci, com a qual lhe tentava matar a quem o prendesse.

O processo do ministério dos abastecimentos foi já há tempo enviado ao 2.º juízo, cartório do escrivão Pereira.

Em poder da polícia está a ferramenta com que procediam aos arrombamentos.

Depois de serem enviados para o tribunal Odorico do Amaral Lopes, Artur Henriques e Artur Domingos Enes, acusados de tentativa de assalto e roubo ao cofre do ministério dos abastecimentos de curvadora da rua do Corpo Santo e do arrombamento e roubo da alfaiataria Reis, da rua Augusta, estão no tribunal e os presos voltaram para o governo civil, visto a cadeia do Lameiro terem aparecido alguns casos de tipo exantemático e a cadeia não aceitaram presos.

Os registros policiais dão participação da tentativa de roubo de 19 arrombamentos.

Comércio e Indústria

Vendedores ambulantes.—Em resultado da nova direcção em que tomaram posse todos os corpos gerentes foi resolvido oficial a alguns vendedores de frutas, para que venham a realidades da direcção, todas as quartas-feiras, às 21 horas, para interesse colectivo; mais ficou resolvido lançar as bases para a criação de uma Cooperativa de produção e consumo de artigos de quinellarias, em vista da exploração que estão fazendo os armenizantes.

Os que roubam fora da lei

Foram enviados para o tribunal Maria do Carmo Lopes Gonçalves e sua filha Domingas Lopes Gonçalves, acusadas por António Correia Pereira, rua do Marquês, 11, 2.º, de seduzirem a menor Celeste, filha de 12 anos, de Quelma, a quem furtasse dinheiro a seu pai e a 12.º entregasse, conseguindo assim furtar ao velho 200\$000; e Irma dos Santos, servil, com residência, acusada por José

Inácio João, Alto do Longo, 38, de lhe ter furtado um anel com brilhantes e saídas no valor de 80\$000.

Ao tribunal da Boa Hora foram enviados Carlos da Silva, «O mudo», e sua comp. Maria do Céu, rua do Cepêlo, 21, 1.º; Maria Emilia Tavares, residente na mesma casa; Maria Gomes Casseiro, Escadinhos do Caracol da Cruz da Rocha, 3, que haviam sido presos pelo agente Felisberto d'Oliveira, acusados o primeiro e o quarto de terem participado no roubo da curvadora Pires da rua da Palma, e os outros como cúmplices.

Deve ter hoje enviado para o tribunal, Amadeu Nogueira, filho de Amadeu Nogueira da Figueiredo, acusado de em 30 de Setembro último, se ter assaltado com a quantia de 1.438\$000, pertencente à Associação Central de Agricultura, Amadeu Nogueira fugiu em seguida para Coimbra.

Regressando a Lisboa o Nogueira furtou a António Moura, com curvadora na rua da Graça, 113 e 115, a quantia de 20\$000 e alguns objectos de ouro.

O assalto ao Grémio Lusitano

Não publicamos ontem, devido à grande falta de espaço com que lutamos, o curioso e edificante documento que abaixo inserimos. Por ele se vê a forma como foi feito o inquérito das autoridades a esse caso, o que de resto admiramos não nos causa, porque temos a opinião, há muito estabelecida, de que os agentes da ordem só servem para promover a desordem.

Secretaria do Estado do Interior.—Relatório do gabinete.—3.º 439.—Confissão.—Corpo da polícia civil de Lisboa.—Procedendo a um inquérito sobre o assalto ao Grémio Lusitano, ocorrido na noite de oito para nove de mês corrente e interrogados as testemunhas indicadas, ouvindo o chefe do piquete e os quinze indivíduos presos em virtude do mesmo assalto, averiguei que não há motivos para que sejam mantidas nas prisões feitas por nenhum dos presos (todos honestos e trabalhadores e sem cadastro) pertencem ao grupo assaltante e terem todos eles entrado no edifício assaltado por espírito de curiosidade e quer furtar alguma coisa, quer ver o que se passava, e que não tinham qualquer intenção de roubar.

Porém, devido a serem todos eles indivíduos de guerra e civis defensores acérrimos da actual situação política, se dirigiu para a rua do Grémio Lusitano entre vivas que nada tinham subversivo; que ouvindo os vivas, nenhuma hesitação fizeram para entrar no edifício e fazer o assalto.

Recebemos a visita do primeiro número deste jornal socialista, que se publica em Coimbra. E' seu director o sr. Mário Nogueira. Apetecemos-lhe muitas prosperidades.

houve da parte das patrulhas da policia que imediatamente se dirigiram ao encontro dos manifestantes e se obtiveram quando officiaes lhe disseram que iam desempenhar uma missão proveitosa para o governo, que, embora a policia tivesse o dever de intervir para manter a ordem e evitar que se consumasse uma destruição vandálica das colunas valiosas, as patrulhas e os chefes da 3.ª esquadra e do piquete tem a atenuante grande de quererem evitar um conflito grave com um núcleo importante de elementos do exército e ainda a falta de lhes ser garantido que do Grémio Lusitano se fizesse a decisão do assalto contra o chefe do Grémio Lusitano, que se teria tomado medidas que o evitassem, tendo apesar disso saído o chefe da 3.ª esquadra, até se Grémio Lusitano e participando o bém que dos lamentáveis factos ocorridos se deve enviar participação ao secretario do Estado do Interior. Está conforme.—Lisboa e secretario do comando da policia civil aos nove dias do mês de Dezembro de 1918.—O Antonio da Costa Pereira Junior, capitão de infantaria.—Está conforme.—Repartição do gabinete, em 10 de Dezembro de 1918.—O chefe do gabinete, Jorge da Costa Pereira, capitão de infantaria.

Todavia, no caso do Grémio Lusitano, ainda os autores do assalto procuraram o mistério da noite e disfarçaram o seu carácter official. Mas quando do ataque à Casa Sindical, foi o governo que, a despeito das suas responsabilidades, organizou como qualquer vulgar armaria.

Foi ontem enviado para juízo, sendo, porém, posto em liberdade em virtude de estar preso há mais de 8 dias sem culpa formada, José Rodrigues Prieto, ex-agente da policia preventiva acusado de fazer parte dos assaltos ao Grémio Lusitano e Grupo Pro-Pátria e ainda por ser perigoso à sociedade, visto ser boateiro e andar instigando a revolução.

"A Voz Socialista"

Recebemos a visita do primeiro número deste jornal socialista, que se publica em Coimbra. E' seu director o sr. Mário Nogueira. Apetecemos-lhe muitas prosperidades.

A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2.º

A mais artistica fundição tipografica de Portugal

Director-proprietario
L. Sini

ATENÇÃO

Apesar de estar tudo caro ainda há uma casa que vende por preços muito em conta

Essa casa é a:

Mobiladora de S. José

Na Rua Alves Correia, 125 — (Antiga Rua de S. José)

Próximo à RUA DAS PRETAS

Mobílias completas e outros móveis

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente reformado Miguel J. Ribeiro, ex-chefe de estação de 1.º classe, Divisão de Exploração-Movimento, a pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo a Divisão em impugnação o pedido em requerimento da viuva Maria Rosa de Oliveira Ribeiro e seus filhos, Maria, Luísa, Bernita e Arlindo.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 26 de Março de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, José A. de Melo Sousa.

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente reformado Arsene Charlot, ex-chefe de repartição do comité de Paris, a pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo a Divisão em impugnação o pedido em requerimento da viuva Marie Veuve Charlot.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 6 de Março de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, José A. de Melo Sousa.

CAMISAS

a \$1750 e \$1850??

TODA EM ZEFIR, incluindo o colarinho igual. Grande saldo, venda a retalho e por grosso. Há igualmente um saldo de roupa para senhora.

FÁBRICA ELÉCTRICA

151, 1.º R. da Madalena, 151, 1.º

Tel. C. 3029

Tinturaria a Vapor

DE

Maria d'Assunção Silva Branco

45, Calçada do Carmo, 47

TELEFONE 2019

TINDE em todas as cores e lava toda a qualidade de flocos, seda, lã, algodão em fio, roupas de senhora e fatos de homem, feltros e desmanchados, pelermes, capas de borracha, reposteiras, peles, feltros e tapetes.

Dégrossage à sec

Procuradoria

Confiança

Praça dos Restauradores, 13, 1.º

TELEFONE 3.300 C.

Trata de papeis de casamento civil e religioso, assim como acções de divórcio e todos os demais assuntos forenses, com zelo, economia e rapidez.

Fotografia Gonçalves

Calçada do Combro, 32

Sob a direcção tecnica de Serra Ribeiro

Execução esmerada em todos os trabalhos fotograficos. Ampliações, esboços e reproduções, mesmo as mais antigas. Novidades em postais coloridos por \$50 a meia duzia. Ampliações coloridas, magnificamente emolduradas, a 6\$000 reais. Trabalho de reclame.

O tenor Romão Gonçalves e o grande

Licor Romanini

Grande parte dos cidadãos de Lisboa que tem

bebido este excelente licor estão prontos a afirmar que este é um dos melhores do mundo. Estacionado tendo um aroma que se conserva na boca durante algumas horas, sendo também digestivo. O tenor Romão, estando roncado, bebeu 5 calis deste licor e no dia seguinte estava completamente bom para cantar. É indispensável a cantores, actores, oradores e fumadores.

Fábrica de destillação a vapor

ALGÉS

Escritório para pedidos:

R. 1.º de Dezembro, 31, 3.º, Frente

CHARRUAS as mais perfeitas

FABRICAÇÃO DE

E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)

TRAMAGAL

Modelos próprios e todos os pertences das marcas do mercado, mais gastáveis no país.

Folhas vulgares de grande resistência.

Ditas de bicos substituíveis, privilegiadas, de cuja aplicação resulta uma considerável economia, pois cada relha utiliza muitos bicos de muito menor custo.

NORAS para tirar agua — PRENSAS para vinho. — Instalações completas de LAGARES DE AZEITE

GRANDES OFICINAS E ESCRITORIO junto à estação do Caminho de Ferro do Tramagal

DERNIER DE LA MODE

SORTIDO COLOSSAL DE CHAPELARIA

Os modelos mais elegantes

Os preços mais economicos

ALVARO ALMEIDA GARCIA

RUA DA PALMA, 50 e 52

A SIFILIS

Livros novos e usados

Comprim-se e vendem-se todas as obras de sociologia, arte e literatura, no Mercado Literário de José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

OFICINA PARA CONCERTOS

BICICLETES E GRAMOFONES

Maquinismos completos, cordas, tambores, ventonilhas, todas de engrenagem, agulhas, etc., etc.

Protectores e camaras de ar de diversas marcas e medidas. Esmaltagem a fogo de Bicycles e com frizos. Bicycles novas e usadas, e todos os accesorios para bicycletas e gramofones.

5, AVENIDA DAS CORTES, 7

Serrallharia Artística

DE

Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

A SEMENTEIRA

Publicação mensal de critica e sociologia. — Por assinatura, 1 ano 36

centavos. Avulso, 3 centavos.

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente reformado Francisco Carreira Luciano, ex-arquivista da Direcção Geral, a pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo a Divisão em impugnação o pedido em requerimento da viuva Felismina Rosa Escudero, que também se assina Felismina Rosa Carreira.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 21 de Março de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente reformado Miguel J. Ribeiro, ex-chefe de estação da Divisão de Exploração-Movimento, a pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo a Divisão em impugnação o pedido em requerimento da viuva Maria Rosa de Oliveira Ribeiro e seus filhos, Maria, Luísa, Bernita e Arlindo.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 14 de Março de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

RICOS

REMEDIA DOS

POBRES

Não se esqueçam que ali na

TRAVERSSA DE S. DOMINGOS, 26 E 28

está em liquidação um completo sortido de calçado para homens, senhores e creanças.